

Violência de Estado: contra as populações do Rio de Janeiro

Ênio José da Costa Brito*

Resumo

O Estado liberal na atualidade vem revelando sua face sacrificial, em especial, contra aquela parte da população pobre, que não participa ativamente do mercado. O artigo revisita a Dissertação de Mestrado de Fellipe dos Anjos Pereira, que analisa a violência do Estado, explicitando os dispositivos do governo das mortes, a militarização da vida e os paradigmas teológicos políticos que a sustenta, legítima e purifica esta violência

Palavras-chave: Religião; Neoliberalismo, Violência; Militarização, Governo.

Abstract

Nowadays the liberal state revealed its sacrificial face, especially against the poor population who does not actively participates in the market. The article revisits Fellipe dos Anjos Pereira master thesis, which investigates the state violence. The thesis explains the devices of the *government of deaths*, the militarization of life and the political and theological paradigms that legitimates supports and purifies the state violence.

Keywords: Religion, Neoliberalism, Violence; Militarization; Government

Introdução.

A implantação do neoliberalismo econômico no país torna-se cada vez mais presente e suas consequências começam a ser sentidas pela população em especial pela população mais carente. A pesquisa de Fellipe dos Anjos Pereira nos oferece subsídios para compreendermos um pouco mais a lógica necrófila presente na alma neoliberal.¹

Nossa intenção, nesta breve nota, é revisitar a dissertação dando conta da leitura que fizemos da mesma, por ocasião da defesa. O texto se estrutura em dois momentos, o primeiro percorrerá a estrutura do trabalho e, no segundo, apresentará algumas reflexões sobre o mesmo.

a) - Quanto à experiência de leitura.

Foi muito gratificante a experiência de leitura de *Biopolíticas do Sacrifício. Religião e militarização da Vida na Pacificação das Favelas do Rio de Janeiro*. Texto bastante cuidadoso com as citações, os sentidos, as possibilidades e os argumentos. Há uma perceptível prudência na escrita e no uso de conceitos por parte do autor e acrescenta-se a isto o fato de uma sensibilidade analítica permear a dissertação.

* Ênio José da Costa Brito é doutor em teologia, professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP e do Instituto Teológico São Paulo (ITESP). Coordenador do Grupo de Pesquisa *Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)* e Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC). Editor responsável da *Revista Último Andar*.

¹ Dissertação defendida na Universidade Metodista de São Paulo em 01/04/19. Participaram da banca os professores doutores Jung Mo Sung (Orientador), Lauri Emilio Wirth e Ênio José da Costa Brito.

Um dos muitos méritos da dissertação tem a ver justamente com esse esforço analítico e procedimental. Ademais, o trabalho está muito bem construído, as partes bem ordenadas. A sequência dos argumentos é bastante convincente e apresenta resultados e discussões importantes. O estilo da escrita é envolvente. Pereira demonstra domínio do tema, da biografia. Passa uma enorme segurança ao leitor. Além disso, procura fechar as brechas bem como impedir ou antecipar pergunta, dúvidas e críticas ao trabalho. Muito devido ao estilo detalhista da escrita e sua paciência em dizer e redizer as mesmas coisas em outras palavras para facilitar ao leitor (a) a compreensão do que você pretende defender.

Estas primeiras observações gerais são para dizer que apreciei muito seu trabalho e aprendi com ele.

b) - Perfil da dissertação atual, criativa, interdisciplinar e de perfil analítico.

Atual, o Brasil tem vivido nos últimos três anos, momentos de suspensão temporária da constituição do império da lei ou em um estado germinal de exceção, que teve e tem contribuição dos meios de comunicação, em especial, a televisão Globo. Contribuição sintetizada com precisão por Gustavo Conde.

A Globo nos corroeu o cérebro durante décadas. Apoiou a ditadura sangrenta. Impôs-nos três novelas diárias (mais de três horas diárias da força de trabalho aniquiladas em frente a uma tela de TV) à fórceps - porque não havia concorrência e a concorrência era esmagada pelo viés miliciano da empresa *marinha* (CONDE, 2019).

Pereira nos relembra que Agamben em *A politização da Política* apresenta o estado de exceção *como um conceito da tradição jurídica alemã que se refere à suspensão temporária da constituição à noção de poderes de emergência nas tradições francesas e inglesas* (2019, p.16).²

No nosso caso brasileiro, a Constituição não tem sido suspensa para ser salva. Criativa, pois, nela busca construir novas abordagens dos problemas de pacificação do ponto de vista religioso, ao ter presente o mítico-teológico fundante desta experiência política.

Tomando o problema da exceção como núcleo e as linhas conceituais metodológicas presentes no programa filosófico-político do Homo Sacer como suporte, identifica-se a oportunidade de construção de novas abordagens dos problemas da pacificação carioca do ponto de vista da religião (p.19).

² Passaremos a indicar apenas as páginas da Dissertação, que está disponível na Biblioteca virtual da Universidade Metodista.

Um amplo diálogo com a filosofia, teologia, econômica, política e direito confere a dissertação um perfil fortemente interdisciplinar. Quanto ao perfil analítico é a marca registrada do texto.

Para realçar a importância da dissertação retomo algumas afirmações fortes presentes na *Introdução*: o poder soberano exerce sua violência transcendental sustentado nas teologias políticas-cristãs. Na esteira de Agamben afirma:

Uma investigação da exceção implica uma investigação simultânea das teologias cristãs presentes no fundo das ações do poder absoluto – desde suas origens até suas reproduções históricas, uma vez que as ações da soberania dizem respeito à materialização de teologia política que sustentam e legitimam a existência deste poder transcendental (p.17).

A exceção opera como o divino, como uma mística (p.17) e procede como um dispositivo sacrificial do capitalismo como religião (p.20).

Para o autor, Estado neoliberal enraíza-se cada vez mais na estrutura mítico-teológica e política da exceção (p. 22), elegendo a morte de jovens negros e pobres no Rio de Janeiro como corte preferencial (p.18).

A dissertação insere-se numa dupla linhagem de pesquisas: na dinâmica dos escritos de Hugo Assmann, Jung Mo Sung e de Alan da Silva Coelho³ entre outros.

Se aproxima, ainda, de diversas linhas de pesquisa que vem demonstrando a produção de zonas de exceção sujeitas às estratégias governamentais do neoliberalismo (p.21)

1. Quanto a estrutura da Dissertação.

A *Introdução* prepara bem o leitor para receber o texto, deixando claro a perspectiva de análise e apresentando sinteticamente a malha teórica a ser utilizada e a metodologia de trabalho.

Urbanismo militar neoliberal: Biopolítica da Guerra é o título do primeiro capítulo, nele para estabelecer um referencial epistemológico de análise das interações possíveis entre militarização das favelas cariocas com os ajustes de urbanismo neoliberal realizadas na cidade, volta-se para a relações entre Economia e Política e Mercado e Estado. p. 52). *Nesse sentido, questiona-se, a partir de agora, qual seria o lugar da violência legítima do Estado no interior desta governabilidade neoliberal exercida sobre as populações periféricas dos espaços urbanos* (p. 52)

³ Ver ASSMANN, H. & HINKELAMMERT, F. *A Idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*; SUNG, Jung Mo; MIGUEZ, N. Rieger, J. *Para além do Império*; COELHO, Alan da Silva. *Capitalismo como Religião: uma crítica a seus fundamentos míticos-teológicos*.

Pereira insiste que a *condictio sine qua non* para se compreender a militarização do cotidiano das favelas cariocas no interior do processo da pacificação é: *investigar as lógicas neoliberais que foram experimentadas na gestão das políticas urbanas da cidade do Rio de Janeiro ao longo do tempo!* (p. 26).

Para facilitar a apreensão do rico conteúdo apresentado no capítulo, a elaboração de uns quadros comparativos, por exemplo, entre a Economia Liberal e a Neoliberal; entre governabilidade liberal e governabilidade neoliberal (p. 54), ajudariam o leitor a fixar os deslocamentos ocorridos.

Digno de nota, a arqueologia da noção de governabilidade e a dinâmica estabelecida entre os pensamentos dos autores que Pereira trouxe para fundamentar a discussão presente no capítulo, um complementa o outro e estabelece um novo patamar teórico, que permite ir mais a fundo na análise.

O último tópico do capítulo, *Cidade neoliberal: a militarização da vida como dispositivo do governo* funciona como um estuário, ponto de chegada da longa caminhada teórica realizada.

Para Michel Foucault o neoliberalismo inaugura novas concepções na arte de governar:

Não se deve estranhar a grande virada na forma como o neoliberalismo passa a lidar com os aparatos e procedimentos do Estado, como se algum vestígio liberal de *fobia de Estado* ainda restasse nesse movimento. Não devemos estranhar, por exemplo, que as principais reformas neoliberais na Alemanha tenham sido empreendidas pela socialdemocracia alemã. Em termos de governabilidade neoliberal, isto é totalmente possível: que o Estado seja agenciado, retomado, conquistado, para dar consequência e materialidade histórica, jurídica, política e ideológica à acumulação neoliberal e às suas racionalidades (p. 45).⁴

O leitor ao acompanhar a análise das relações entre economia, política e estado gradualmente compreende a densidade da governabilidade liberal. No tocante à interface Capital e Estado, pedimos licença para ilustrar com uma longa densa passagem presente no texto, que visualiza bem a dinâmica necrófila dessa interface.

O capitalismo não se apropria do Estado apenas em sua capacidade de gerar condições favoráveis ao mercado por meio de novas regulações ou por sua eficiência em desorganizar a vida social por meio de procedimentos burocráticos, ou pela ruptura deles, *mas, ao se apropriar do Estado, o faz também do seu monopólio de força e da violência*, em vista a governar novos dilemas

⁴ Essa sequência de transformações do Estado e da soberania em governabilidade neoliberal, em capitalismo de Estado, pode ser acompanhada em *O Nascimento da Biopolítica*, onde Foucault demonstra como os ordoliberalismos alemães e depois os neoliberais austro-americanos se organizaram para responder ao *como fazer existir um Estado que não existe, como fazê-lo existir a partir desse espaço não-estatal que o da liberdade econômica?* (Cf. p. 50)

populacionais : adequar o trabalho à era das finanças, destruir as estruturas de proteção social, promover ajustes de mobilidade e moradia em cidades das periferias do mundo e conter movimentos de resistência ou contestações, como numa reedição das *guerras coloniais* no período chamado por Marx de *acumulação primitiva* (p.52).

Um tópico que merece um maior desenvolvimento é o da Mística liberal, com seus fascínios e riscos.

O segundo capítulo intitula-se *Pacificação como exceção: violência sacrificial do estado neoliberal*. De olho numa *outra leitura* da pacificação, após oferecer dados para uma análise teológica-política do paradigma da exceção, o autor passa a examinar a presença e a operação de paradigmas teológico- políticos no interior da exceção carioca realizada pela Unidade de Política Pacificadora (UPPS) (p.99), que levam adiante uma biopolítica do sacrifício. Segundo o autor: *pretendemos nos apropriar das possibilidades teórico-metodológicas do pensamento de Agamben, para investigar a presença e a operação de paradigmas teológicos-políticos no interior da exceção carioca realizada pelas UPPS* (p. 99).

Na sua dinâmica interna, o capítulo pensa, ainda seminalmente teologia-política; religião e sacrifício para além dos circuitos confessionais ou ritualísticos da religião (p. 104).⁵

Outro ponto a ser explicitando é o das afinidades analíticas de Agamben com teólogos do DEI.

Alguns tópicos do capítulo me chamaram atenção: a compreensão do sagrado por Agamben, há necessidade de clareá-lo mais; a exceção como estrutura teológica fundamental da política, está bem desenvolvida⁶.

A exceção produz o *homo sacer*, sacraliza a vida nua por meio da sua inclusão/exclusão. Enquanto estrutura teológica fundamental da política, a exceção ocupa este limiar onde se realiza a consagração/articulação entre vida politicamente qualificada e vida politicamente matável (p. 94).

⁵ Ao escrever uma dissertação não podemos esquecer dos futuros leitores. Como leitor, quando cheguei na página 94, pensei comigo: Pereira bem que poderia ter sinalizado numa nota de rodapé algo mais sobre a comparação *capitalismo como religião* e alguns trabalhos de teólogos da libertação. A tese Alan Coelho já indicada mereceria ser lembrada.

⁶ Para Agamben, a exceção apresenta uma noção de vida – a vida nua-, a biológica – que deve ser incluída na política por meio da sua exclusão. Eis o paradoxo da exceção: incluir-excluindo. Do ponto de vista teológico, trata da vida que deve ser incluída na política por meio de uma consagração, a vida sagrada. O soberano é quem realiza a exceção, portanto, [é ele quem realiza a consagração dos sujeitos em *homo sacer*. A exceção é, desta forma, a estrutura biopolítica responsável pela sacralização da vida, pela inclusão da vida nua na zona de indiferenciação entre direito e violência, ou seja, a zona a indiferenciação do sacrifício (p. 94).

Entre os milagres que a exceção soberana realiza o autor enumera: purificar a violência da polícia soberana; conferir uma causa religiosa ao extermínio do inimigo, para justificação de sua aberta brutalidade.

No último capítulo, *A biopolítica do sacrifício: violência sacrificial do estado neoliberal*, tendo reconstruído um arcabouço teórico-metodológico que possibilita analisar problemas sociais e políticos relacionados com o neoliberalismo, o autor passa ao núcleo duro da dissertação: *analisar a atividade do Estado na produção e na gestão de modalidades sacrificiais como forma de controle de violência*; para mostrar uma *outra leitura* da experiência das UPPS no Rio de Janeiro. Confirmando que quem deseja compreender em profundidade a governabilidade neoliberal deve levar em conta / ter presente: a elaboração de estereótipos / alteridade monstruosas para a invenção de um bode expiatório marcado pelo dispositivo racial; a lógica da pacificação como intervenção restauradora da ordem e a inversão dos direitos humanos ou mais precisamente, a produção de figuras de humanidade que possam ser legitimamente sacrificadas pela violência do Direito.

Entre os méritos deste capítulo podemos apontar: o de ter ampliado as implicações teóricas de Foucault e Agamben, abrindo o diálogo com Renè Girard, Mbembe e Franz Hinkelammert, possibilitando um aprofundamento nos modos como a *exceção* governa as mortes e os sacrifícios (p.1 33); ter apontado claramente o inimigo preferencial da pacificação: o corpo negro do jovem pobre e favelado.

Trata-se de indicativo claro e repetidamente assinalado pelos pesquisadores (as) que investigam as modalidades de violência de Estado praticada contra as populações do Rio de Janeiro: o bode expiatório, o corpo sacrificável, o inimigo preferencial da pacificação é o corpo negro do jovem pobre e favelado. O corpo negro, jovem e pobre é o que mais mata e o que mais morre. Uma vez que grande parte dos atores desta guerra da pacificação são jovens, negros e pobres. Tanto na polícia, quanto no tráfico de drogas, é o corpo negro e pobre que vem sendo disposto à morte sacrificial pela governamentalidade neoliberal, pela militarização da vida cotidiana (p.129).

Me chamou atenção a tentativa dos moradores do Morro de Santa Marta de permanecerem neutros. Nas palavras de um morador *viver em área pacificada é viver entre dois deuses*.

Na página 131 encontrei uma passagem síntese reveladora do percurso que o autor vem realizando: *o mecanismo do sacrifício em Girard é convocado à atualidade pela pacificação carioca iluminado pela estrutura do racismo em Mbembe e vice-versa*.

Pontuações.

Com frequência o leitor é solicitado a refletir sobre as inúmeras questões que a dissertação levanta, como por exemplo: qual a relação entre pacificação e racismo estrutural; como desvelar o processo fundamentalmente mítico-religioso no processo de pacificação?

Reflexão que o leva a pensar nos dispositivos sacrificiais presente nas políticas de Estado, na militarização da vida e na instalação gradual do estado de exceção implantado pelo neoliberalismo.

Não há necessidade de apontar para a atualidade desta pesquisa, o país assiste cotidianamente a legitimação e a purificação das violências de Estado no interior da governabilidade neoliberal.

Pereira ao analisar os dispositivos do *governo das mortes* explicita uma problemática, ainda pouco estudada entre nós: o paradigma teológico- político que sacraliza a violência transcendental do poder. Se a crítica ao neoliberalismo não se reduz a uma simples metáfora, faz-se necessário encontrar conceitos teóricos que desvelem essa íntima associação. Este é o esforço realizado por Pereira em *Biopolíticas do sacrifício* ao analisar numa perspectiva racional o funcionamento estrutural da biopolítica por três linhas de força ou por três modalidades:

Na elaboração de estereótipos/alteridades monstruosas para a invenção de um bode expiatório marcado pelo dispositivo racial: b) na lógica da pacificação como intervenção restaurado da ordem; c) na inversão dos direitos humanos ou, mais precisamente, na produção de figuras de humanidades que possam ser legitimamente sacrificadas pela violência do Direito (p. 7).

A dimensão subjetiva presente na dinâmica neoliberal é também desvelada pois as relações humanas são mediadas pelo capital. É ele que no fundo engendrará os critérios de *matabilidade* das populações indesejáveis, que não contribuem com o deus mercado. Perspectiva pontuada com precisão milimétrica pelo autor:

Nesse sentido vale destacar a forma como o neoliberalismo sustenta um forte discurso antropológico de redefinição do humano. Essa é uma das tarefas sacrificiais indispensáveis para o futuro do capitalismo como religião: saber inventar uma nova *máquina antropológica* que sustente uma nova *máquina sacrificial* daqueles corpos que serão unicamente eliminados pela violência do Estado neoliberal (p.7)

Cientistas da Religião e Teólogos (as) tem uma vereda a ser trilhada, com uma certa urgência: desvelar o pensamento mítico-teológico presente na ocultação do caráter sacrificial, necrófilo da economia neoliberal.

Uma figura feminina acompanha o leitor (a) da dissertação, a ela o autor dedica a dissertação Mariele Franco, que com sua sensibilidade e luta vinha mostrando as vísceras do sistema necrófico em implantação na cidade do Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas:

- AGAMBEM, G. *Homo Sacer: O poder soberano e vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- ASSMANN, H. & HINKELAMMERT, F. *A Idolatria do Mercado: Ensaio sobre economia e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- COELHO, A. da S. *Capitalismo como Religião: Uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UESP, 2014.
- FOUCAULT, M. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GIRARD, R. *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.
- HINKELAMMERT, F. *Hacia una crítica de la razón mítica: El labirinto de la modernidad*. México: Editorial Dríada, 2008.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- SUNG, J. M., MIGUEZ, N. e RIEGER, J. *Para além do Império*. São Paulo: Paulinas, 2012.